

Coração andarilho: a vida que se escreve nas memórias de

Nélida Piñon

Profª Dra. Simone de Souza Braga Guerreiro¹ (UERJ)

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo investigar as memórias de Nélida Piñon em sua obra *Coração Andarilho*. Tal abordagem tem como objeto de reflexão os elementos que são relevantes para a configuração de uma identidade narrativa na escrita memorialista da autora. Privilegiando as estratégias de autorrepresentação adotadas em sua escrita de si, veremos como a primeira lembrança, a elaboração da crônica familiar, as cenas de leitura e a encenação do espaço autobiográfico guiam a recuperação do passado para o sujeito que rememora. Nossa perspectiva se apresenta como uma indagação sobre os procedimentos usados na construção da identidade, considerando que as “vivências” do passado selecionadas pela escritora elaboram a autoimagem que ela deseja construir.

Palavras-chave: Memórias, Autofiguração, Identidade

Quando lançou suas memórias *Coração andarilho* em 2009, Nélida Piñon já tinha uma carreira consolidada. Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1990, em 1996, tornou-se a primeira mulher a presidir a instituição. A filha de imigrantes galegos inicia suas memórias pela infância. Para melhor reconstituir as diferentes experiências da trajetória de vida, a consagrada ficcionista seleciona os eventos do passado com os quais deseja construir sua autoimagem. Desta forma, através de seu posicionamento diante da infância e da família, observamos como as estratégias de autorrepresentação se articulam com o processo de sua formação intelectual e de escritora. Neste sentido, destacamos o que Nélida Piñon fabricou para si e o que marca a sua autorrepresentação.

Nas memórias Nélida Piñon revela os procedimentos de sua construção narrativa:

Meu testemunho é impreciso. Misturo a colheita da memória com a invenção, porque é tudo que sei fazer. Os episódios que aqui registro, de teor familiar e cotidiano, emergem da minha modéstia e dos meus desacertos. A seleção que faço da família, dos amigos, dos pensamentos vagos, compõe o meu horizonte pessoal. Sem dúvida, é arbitrária, apresenta alto grau de subjetividade. (PIÑON, 2009, p.7)

Através do que considera impreciso, a escritora elabora os elementos que se tornam essenciais para se autorrepresentar. Nesse sentido, como se flertasse com o ficcional admite um certo grau de invenção e nos diz: “...são a memória e a invenção

que dizem quem sou.” (PIÑON, 2009, p. 112) Nos bastidores da criação, a escritora interage com as memórias e a ficção. Como se a ficção habitasse a casa ao lado das memórias, e que, sendo as residências sem muros nem divisórias, os íntimos vizinhos se visitassem constantemente. Desta forma, o passado encenado se coloca como uma construção narrativa que se faz através da perspectiva da condição de escritora.

Ao selecionarmos alguns elementos para que possam servir de guia na análise das formas de autotransfiguração usadas em *Coração andarilho*, observamos que esses elementos são recorrentes e que, nesse sentido, pela particular importância, tornam-se verdadeiras estratégias de representação, como a primeira lembrança, a crônica familiar, os lugares da memória e as cenas de leitura. Além desses elementos, observamos também que as estratégias usadas nas diferentes formas de autotransfiguração trazem, claramente, o propósito de que, conforme argumenta Horst Nitschack,

Os textos autobiográficos devem ser lidos como reconstrução do passado a partir do presente, com a intenção de dar uma coerência e uma lógica interna à própria vida; nesse sentido, eles têm um caráter excludente, porque só o que entra nessa lógica é recordado e narrado. (NITSCHACK, 2009, p.237)

Mesmo que a experiência descrita tenha como base a reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo do presente, é a memória que permite a relação do presente com o passado. Um dos aspectos mais relevantes do gênero autobiográfico é sua relação com a memória pessoal. O autobiógrafo se utiliza do acervo de suas memórias e seletivamente “lembra” quais os fatos que deseja trazer à tona ou aqueles que evita recordar.

O mundo do autobiógrafo torna-se, de certo modo, o mundo da memória. Ele passa a ser aquilo que selecionou de sua experiência adquirida no passado. Em sua rememoração, reconstrói a si próprio. Se não é possível a totalidade dos fatos, então, incorporam-se variações que, geralmente, enriquecem o acontecido. A autobiografia é uma reflexão do *eu* sobre sua própria existência; o sujeito que tenta manejar os recursos proporcionados pela memória sabe que não há total confiança em sua organização. Na rememoração, o conhecimento de si é sempre incompleto, inconcluso e, assim, marcado pelo risco da imprecisão.

No entanto, a escritora reconstrói sua vida, não com o objetivo de tornar sua história menos fiel ao que foi, mas com o intuito de valorizar uma história que está sendo construída e organizada por ela no momento em que escreve, sendo impossível descartar o entrelaçamento do presente com o passado.

O exercício autobiográfico de Nélide Piñon começa com a evocação das origens e o despertar da consciência. São os acontecimentos escolhidos pela escritora para começar o seu relato. A vida afetiva inicia-se com as memórias adquiridas na primeira infância, aquilo que ela armazenou e conservou de sua própria experiência. Apesar de fragmentadas, a escritora deseja organizar as memórias importantes da primeira infância. Para recuperar imagens que ajudem na construção do *eu*, é preciso desvendar os fatos acumulados de tempos passados ou aqueles que reaparecem sem serem provocados. As recordações muitas vezes não são muito nítidas. Cenas e eventos se desdobram dando lugar a outros, mais antigos, que vão aflorando à superfície. Sob camadas acumuladas sobrepõe-se ao passado o presente, pois é no presente que se empreende o resgate do passado e, no momento da escrita, a autobiógrafa seleciona o que se dispõe a narrar. Desta forma, ela relata em suas memórias:

A memória que hoje tenho é acumulativa, sobretudo dispersa. Tende a trair-me, embora, às vezes, acumule bens, arraste palavras e suspiros para o interior do armário, triture alimento, amores, a matéria intangível e grosseira. Da minha parte, faço pilhagens, vou à realidade como um pirata que colhe tesouros que de fato são meus. Sou agraciada pelas lembranças. Como aquela que me devolve o frescor do carnaval, quando criança, talvez com 3 anos. (PIÑON, 2009, p. 10)

Nélide Piñon tece uma trama particular ao deixar claro o processo de rememoração, ao combinar as lembranças do passado com reflexões sobre os mecanismos da memória. Assim, os argumentos metamemorialistas são constantemente percebidos.

O movimento da escrita de si em *Coração Andarilho* começa com uma primeira lembrança que envolve o desejo de ter o vínculo familiar perpetuado: a família que se exaltava com o verão carioca e com o carnaval, festejados na casa familiar sob o beneplácito dos avós, das tias e dos tios. O avô Daniel, nos dias carnavalescos, contratava carros que, ornamentados e de capotas arriadas, permitia que a família acenasse e lançasse serpentinas e confetes para os transeuntes, num regozijo que exprimia a coesão familiar. A primeira cena que a narradora nos apresenta descreve o universo a que pertence a menina, que se veste com a fantasia e também, de personagem da narrativa: “Orgulhosa da fantasia, eu ria sem motivo. (...) Assim, a prima Nelita e eu, fazendo gestos à guisa de dança, éramos aplaudidas, merecíamos elogios. Só faltava as tias perguntarem ao espelho da casa quem seria a mais bela que as sobrinhas.” (PIÑON, 2009, p.11) Neste fato reconstituído, podemos ver o reflexo do ambiente familiar na vida da escritora. A família adquire uma importância especial nas memórias de Nélide

Piñon, pois torna-se o elemento mediador entre a memorialista e o mundo por ela recriado.

Os primeiros capítulos das memórias descrevem os quatro primeiros anos vividos em Vila Isabel. Assim relatados: “A memória começa onde se nasceu. Eu vim ao mundo numa quinta-feira na rua Dona Maria, em Vila Isabel, em uma casinha branca, de vila, pertencente ao avô Daniel, em simetria quase ilusória, vizinha à casa grande de meus avós maternos.” (PIÑON, 2009, p.9) Na reconstituição da infância, a experiência pessoal e a observação do mundo se misturam para dar vida ao universo em sua volta; a vida da família, a geografia da cidade, a fisionomia dos ambientes, os costumes da época revivida e os inúmeros retratos dos seres que lhe foram contemporâneos. A escritora retorna ao passado, não como ele realmente foi, mas como se fosse um momento que é ativado pela memória num determinado presente.

Esta forma particular de escolher um começo é também uma forma particular de empregar a memória como instrumento de autorrepresentação. No entanto, nenhuma lembrança é inocente. Ao selecionar as imagens da família, certamente, a memorialista escolhe aquilo que se harmoniza à imagem que ela tem de si mesma no momento da escrita. A escolha da lembrança é cuidadosamente selecionada entre inúmeras possibilidades, como aquela que mais pertinentemente afeta a formação de sua identidade.

A primeira imagem recordada realça o retrato familiar e, retirando da memória a essência das lembranças, a escritora revela suas origens, e recorre às histórias da família para construir o *eu* em seu texto. Por sua distância temporal, a crônica familiar em *Coração andarilho* é apresentada como um ciclo de histórias que envolvem os costumes de uma época remota, mas que não deixam de compor, de modo fundamental, a narrativa de sua vida. No momento da escrita, as impressões da infância são confrontadas com as do adulto e, deste modo, podem ser vistas com maior simpatia.

Na busca pelas genealogias, a escritora seleciona os elementos que contam a história dos membros do clã de imigrantes galegos que aportaram no Brasil no final do século XIX. O avô Daniel, que chegou ao Brasil aos doze anos para “fazer a América”, torna-se uma figura marcante na galeria dos personagens de sua família. A criança Nélida é descrita como alguém que foi o “epicentro” da família e, na evocação das origens, atribui ao avô o fato de fazer-lhe apreciar as iguarias do mundo e de aguçá-lhe o sentido estético. Ao compreender a sua aliança com o avô, a autora dá voz a alguém que defendia a coesão familiar que se firmava como indissolúvel no cotidiano modesto

dos que viviam em volta do avô. Construindo a crônica familiar, a escritora se utiliza do passado da família como uma estratégia de autorrepresentação significativa. A história familiar é uma oportunidade para que a escritora reconstitua dois eixos importantes de suas memórias: a origem gaiega e inclinação para a música, as artes plásticas e, principalmente para a literatura. A compreensão da própria origem cria um sentido de orgulhoso pertencimento e reforça a construção de uma imagem de si. Sua identidade se constrói através dos vínculos familiares. Por esse viés a narradora se expressa:

Estes familiares refletem a minha história. Detecto em mim traços vindos de tia Celina, Tiazinha, e de lá sei quem mais. O sangue é um fardo e rivaliza-se com a memória, também narra. E, conquanto quase todos os parentes estejam mortos, cada qual me transferiu, ao longo da minha evolução, pedaços significativos de seus enredos. Estou certa de que só mediante seus testemunhos relaciono-me com a família humana. (PIÑON, 2009, p.164)

Nesse processo de construção narrativa, ainda no círculo doméstico, Nélida Piñon descreve os almoços de domingo na casa dos avós em Vila Isabel, as idas à Paquetá e as estadas anuais a São Lourenço. A mulher adulta, no presente, tem o projeto de retornar a cidade no sul de Minas, mas o projeto não se concretiza e, para Nélida, “São Lourenço torna-se a utopia da infância, o território da invenção, que os mortos assopram e eu choro.” (PIÑON, 2009, p.279)

A evocação da crônica familiar se mescla com a evocação dos lugares de infância, o inventário familiar vai sendo ampliado na tentativa de reconstruir os vínculos familiares e o espaço vivido. São essas lembranças selecionadas que narram o período de sua formação. Ao alcançar o passado e atualizá-lo, a narradora dá voz a uma fábula imprecisa mergulhada nas paisagens de lugares que se configuram não somente de cenários de sua narrativa. A memória que reconstitui a infância sediada na casa dos avós em Vila Isabel se dilata em círculos concêntricos mais amplos e a escritora seleciona a emblemática viagem à Espanha, realizada aos dez anos, e que se prolongou por dois anos. Sua ida à Galícia, mais precisamente à Cotobade, simbolizou seu pertencimento a uma realidade geográfica de fluidas fronteiras. Na Espanha, a memorialista se percebe de dupla nacionalidade. E confessa: “Bem conheço o sentimento incômodo de pertencer a dois países. De transportar, para onde vai, duas noções de pátria.” (PIÑON, 2009, p. 334) Embora nascida no Brasil, é filha e neta de imigrantes, e o sentimento de pertencer a dois países demarca a escrita de si. Em *Coração andarilho* a busca pela identidade pessoal é, ao mesmo tempo, a busca pela identidade étnica e cultural. A consciência da dupla nacionalidade desencadeia uma obstinada tentativa de compreender a arqueologia

de sua dupla cultura. Para Nélide, não só os laços familiares, mas os lugares também são vistos como instrumentos de autofiguração. Cotobade se transforma em um território de descobertas para a menina em desenvolvimento. A aldeia da Galícia torna-se um lugar sem recantos proibidos, onde a imaginação recebe a fiança das origens celtas. Chamada de “a brasileira” pelos familiares ela percorre os caminhos da infância com a mobilidade de uma exploradora no tempo.

Naquela aldeia, não havia entraves para mim. Enlaçava os rastros brasileiros e as pegadas galegas sem sofrer. E ainda que no início encontrasse dificuldade de repetir os nomes das aldeias de Cotobade, que eram treze, intuía que de cada localidade gotejava um sangue também meu. (PIÑON, 2009, p.104)

É neste cenário que se imprimiu na memória da autobiógrafa, como se fosse uma tela, uma imagem da menina recriada ao lado dos velhos galegos que gostavam de contar histórias:

E, enquanto eles davam início a uma narrativa sem tempo certo para encerrar-se, fui aprendendo que só saberia narrá-las no futuro, e com relativa fidelidade, se me convertesse na escritora que, a pretexto de falar de mim, estivesse, de verdade, falando da coletividade, que é a única narrativa que merece subsistir. (PIÑON, 2009, p.99)

Nessa relação dialógica, Cotobade não está somente ancorada à genealogia familiar, o que, a princípio, significou uma ida ao passado familiar e lá descobrir seus laços de pertencimento, revela-se, também, como a narradora projetada na menina que foi o prenúncio da atitude literária de futura escritora. A ficcionalização da estada em Cotobade engendrada por Nélide Piñon revela um modo particular de autorrepresentação. Ao recriar esse episódio, a autobiógrafa parece querer sustentar sua vocação, fazendo com que na menina recriada haja o desejo de justificar a escritora que virá a ser. Sublinhando um aspecto fundamental daquilo que lhe serviu como impulso ao fazer literário, na terra espanhola se solidifica seu processo de educação e formação.

Seu desejo de investigação da própria origem caminha conjuntamente às estratégias de representação que nos dão conta de uma mulher que, na infância, descobriu a vocação para a literatura, atividade para a qual convergiram suas escolhas existenciais. Antes mesmo dos dez anos, pedira a mãe, em São Lourenço, que indagasse à cartomante se seria, um dia, escritora. O desejo de ser escritora já tomava conta de quem se tornava, ainda criança, amante dos livros, das artes plásticas e da música clássica do Teatro Municipal. Ao anunciar seu desejo de seguir a carreira literária, ela não sofreu nenhum desagrado por parte dos pais; ao contrário, os pais apoiavam-na, e para incentivá-la, decidiram franquear a leitura como forma de incentivar a futura

carreira da menina e, autorizaram-na, aos doze anos, a retirar os livros de sua escolha na livraria Freitas Bastos, onde o Sr. Oliveira tornou-se o seu mentor e amigo. Ele

Ensinava-me a percorrer as prateleiras e o que podia encontrar nelas. Como considerar a procedência do livro e do autor, quantas vezes insinuando-me que certas literaturas luziam mais que outras, ao menos eram mais aplaudidas, chamavam a atenção internacional. (...) Uma vez que desse posse a um volume, teria a chave do mundo, abriria portas, pularia cancelas, seria dona de intensas emoções. (PIÑON, 2009, p.122)

O relato memorialista de Nélide Piñon traz de maneira precisa a importância dada ao livro na construção de sua narrativa. A descoberta do mundo da leitura serve como impulso ao futuro de escritora. Na teoria estudada por Sylvia Molloy em seu livro *Vale o escrito – a escrita autobiográfica na América hispânica*, a autora analisa esse aspecto, entre outros, em autobiografias de autores da América hispânica. Na reflexão teórica, Sylvia Molloy observa que “o ato de ler” se torna uma estratégia frequente do autobiógrafo hispano-americano. Para ela, “O encontro do sujeito com o livro é crucial: o ato de ler é frequentemente dramatizado, evocado em uma particular cena de infância que subitamente confere sentido a toda a vida.” (MOLLOY, 2003, p.33) Sylvia Molloy expõe que, no espaço hispano-americano, a leitura funciona como índice da dependência cultural, lembrando a ascendência da cultura europeia sobre o imaginário local. Pela massiva importação de literatura e cultura europeias, o memorialista hispano-americano se apresenta como um “saqueador do arquivo europeu”. (MOLLOY, 2003, p.19) A esta suposta dependência poderia ser acrescentado o fato de que o autobiógrafo “vive” no livro que escreve, ao mesmo tempo que faz referência a outros livros, não apenas citando-os no momento da escrita, como demonstrando sua preferência por um conjunto de autores europeus. Usando como parâmetro o texto de Sylvia Molloy sobre a importância da “cena de leitura” na trajetória da narradora, vemos que o livro gera um fascínio capaz de se tornar parte da própria vida da autobiógrafa, um objeto que irá completá-la e dar a ela pleno sentido, como se fosse um atributo do sujeito que conta sua história. Assim, “ler o outro não é apenas apropriar-se das palavras dos outros, é existir através deste outro, ser este outro.” (MOLLOY, 2003, p.56) Em torno do painel que retrata a proclamada vocação de escritora e os livros comprados da livraria Freitas Bastos, circulam outros eixos em que a narradora expõe seu amor às artes plásticas, à música, à dança e ao teatro como parte da representação de si mesma. Em *Coração andarilho*, a escritora elabora suas memórias utilizando uma erudição aliada à sensibilidade. As coisas observadas, as reflexões sobre sua vida, os perfis traçados,

enfim, muito do que compõe ser discurso autobiográfico é um produto extraído, sobretudo, de um rico acervo cultural que a habilita a assumir uma postura de esteta. As citações a telas de artistas e a textos e obras de escritores, ao longo da narrativa autobiográfica, sublinham seu apurado senso estético. Decerto, são memórias de uma escritora culta que domina vários assuntos ligados às artes plásticas, à música e à literatura universal. Em inúmeras passagens ela utiliza, como recurso narrativo, referências à música de Wagner, Mozart e Villa-Lobos, aos pintores El Greco, Velásquez e Vermeer como se fossem instrumentos metonímicos que a ajudam a recompor alguns personagens de suas reminiscências. Circulam em sua narrativa ecos do mundo de Monteiro Lobato, Machado de Assis, Ésquilo, Rimbaud, Baudelaire, Tostói e Juan Rulfo, entre muitos outros autores que, por certo, foram lidos e harmoniosamente incorporados ao seu patrimônio mental e que, no momento da escrita, ajudam a reconstruir as lembranças do passado. E mais, ajudam a elaborar uma imagem de si.

Vasculhando o passado com o intuito de trazê-lo ao presente, a escritora se permite interromper a marcha temporal. A memória, seja voluntária ou não, e que é inseparável da percepção do tempo, faz com que a autobiógrafa conserve aquilo que se foi. Então, acontecimentos que pareciam perdidos encontram-se, na verdade, guardados numa arca à espera de ser aberta.

É desta forma que a escrita de si de Nélide Piñon também celebra o trânsito entre as duas pátrias; e da consciência de ser uma brasileira de descendência galega, surge “um coração andarilho” que sinaliza para um movimento de identificação com várias culturas: “O passaporte brasileiro é o único que tenho, conquanto minha identidade seja carioca, grega, espanhola, cosmopolita, camponesa.” (PIÑON, 2009, p.347) Ao recriar o seu passado, a escritora opta por dividir as memórias em duas partes. Se na primeira o memorialismo é movido pelo deslocamento temporal, na segunda é o deslocamento espacial que se destaca motivado pela sua estada no povoado de Santa Fé na Catalunha e outras paragens, como Ávila, Madri, Santiago de Compostela, Andaluzia, Avignon, Paris, Nova York e Washington. Dando voz a uma espécie de cronista-viajante, a narradora parece afastar-se do que representaria um mergulho na vida do sujeito enquanto objeto de representação discursiva. Agora, a estratégia focaliza a vida do sujeito sob outro ângulo, mas o olhar da narradora, que se propõe pintar seu autorretrato, deseja apenas uma melhor visão para realçar a ideia de que é a paisagem brasileira o porto seguro de sua invenção e memória: “Nesta paisagem brasileira escolhi

a literatura. Com ela travo a batalha do espírito e da paixão. E o português é a minha língua. Com ela teço em cada página a intriga que é o mistério de todos nós.” (PIÑON, 2009, p.345).

Referências Bibliográficas

1] MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

2] NITSCHACK, Horst. A escrita autobiográfica de Graciliano Ramos: buscando o espaço da subjetividade. In: _____ *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia*. Org. Helmut Galle; Ana Cecília Olmos. São Paulo: Annablume. Fapesp; FFLCH. USP, 2009.

3] PIÑON, Nélide. *Coração andarilho*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

¹ Simone de Souza Braga Guerreiro (Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ)
E-mail: simbraga@hotmail.com